

A Marinha na mudança da Capital

COMANDANTE Newton Lemos de Azevedo

A mudança da capital brasileira do litoral para o planalto central, há muito compreendida por todas as camadas sociais, traduziu o clima de permanente inquietação progressista que começava a se manifestar em todos os quadrantes, estado de espírito febril característico das transformações sócio-econômicas que marcaria a década de 60, cristalização dos ideais da "Marcha para o Oeste".

A geração moderna compreendeu esse despotitar de uma nova era de colonização do hinterland, uma nova dimensão de um progresso vitalizante que ultrapassaria os parcos limites de atuação dos meios culturais do litoral para se espalhar em direção aos recantos inexplorados do País.

Uma vez decidida a instalação da Capital em Brasília, a Marinha iniciava uma série de medidas objetivas para se adequar ao novo quadro desenvolvimentista. A Administração Naval instalava no Distrito Naval a direção superior e os órgãos necessários, entre eles o Comando Naval, a Estação Rádio, o Hospital Naval, o Grupamento de Fuzileiros Navais. O Corpo de Fuzileiros Navais, identificado com o clima de trabalho e entusiasmo que pulsa em todos os setores navais, idealizou em 1960 um exercício inédito que simbolizasse a participação da Marinha no processo de desenvolvimento nacional, uma Marcha penetrando para o Oeste em direção à nova capital.

A "Operação Alvorada" consubstanciava um adestramento específico com Oficiais e Praças do CFN e Esquadra buscando tão-somente despertar a Nação para o alto grau de preparo profissional dos integrantes da Força de Fuzileiros da Esquadra, um dos instrumentos indispensáveis do Poder Naval, permanentemente adestrado para atender aos interesses da Segurança Nacional.

A idéia inicial de realizar a marcha se deparava com grandes impecilhos representados pela premência do tempo e do enorme trajeto a percorrer: transcorria o mês de março e a distância marcada na carta era de 1.221 Km. Esses fatores limitativos eram um enorme desafio ao organismo humano. Não havia padrão ou fatores para se avaliar pela inexistência de dados nos arquivos militares, uma experiência inédita que certamente preocupava os escâlões responsáveis. Nem por isso esmoreceram os seus idealizadores que estavam plenamente animados de entusiasmo, vontade, auto-disciplina e espírito de corpo, sensibilizando as autoridades navais para o alcance dessa participação nos festejos do nascimento da nova capital.

A Companhia de Reconhecimento do CFN realizou um estudo da situação no dia 21 de março de 1960 e esboçou, sem demora, o planejamento de uma operação que visava o deslocamento de uma coluna a pé que deveria se encontrar na nova capital antes do dia 21 de abril, conduzindo uma mensagem do ministro da Marinha ao presidente da República.

A coluna seria constituída, basicamente, dos elementos pára-quedistas, dotados de incontestável capacidade física, acrescida por voluntários da Esquadra e do CFN.

Em 24 de março os estudos tiveram continuidade com as diretrizes baixadas pelo Gabinete do ministro da Marinha num memorando. A aceitação por parte da Esquadra foi além da expectativa: 300 voluntários se apresentaram para as provas de seleção física no CIAW. Estabelecimentos Navais e alguns órgãos governamentais cooperaram nessa fase do planejamento com recursos materiais.

Por falta de um reconhecimento prévio do trajeto a ser cumprido, o referido planejamento foi considerado como tentativa e, mais tarde, alterado na execução de acordo com o balanço das necessidades e disponibilidades do Grupamento.

No dia 27 de março, três dias após a determinação da missão através do Estado-Maior da Armada, o Grupamento constituído de 100 fuzileiros navais e 20 marinheiros encontrava-se pronto para iniciar o deslocamento com a seguinte atri-

buição — "deslocar-se em 24 dias para uma região distante 1.221 Km, com seus próprios recursos a fim de representar a Marinha nos festejos de instalação de Brasília".

O Grupamento compunha-se da mencionada Companhia de Reconhecimento (núcleo) reforçada com os elementos indispensáveis, assim organizados: Comando do Grupamento; Pelotão de Serviços e Abastecimento; Pelotão de Pára-quedistas; Pelotão de Precursor; Pelotão de Reconhecimento Anfíbio; Destacamento do 1º Batalhão de Infantaria (Btl Riachuelo); Destacamento de Marinheiros; Destacamento de Saúde.

As nove horas do mesmo dia, após a passagem em revista pelo comandante-geral do CFN, o Grupamento ouviu a leitura da seguinte Ordem do Dia alusiva ao feito:

"Marinheiros e Fuzileiros": Recebestes de nosso ministro a missão altamente honrosa de fazer chegar às mãos do chefe supremo da Nação a mensagem que traduz o sentimento da Marinha pela inauguração da nova Capital.

Assim, será mais uma participação efetiva da nossa Marinha, sempre presente aos maiores acontecimentos da História Pátria.

Para a grandeza do fato histórico que se vai desenrolar no cenário montado em pleno planalto central de nossa terra, era necessário que o empreendimento que vos caberá cumprir tivesse a ressonância da epopeia da obra realizada: — a mensagem será conduzida pela Companhia de Reconhecimento do Corpo de Fuzileiros Navais, incorporada às suas fileiras vinte marinheiros dos navios da nossa Esquadra, em coluna de marcha — "a pé" — da cidade do Rio de Janeiro a nova Capital, em Brasília.

Do êxito da missão que vos foi outorgada não temos dúvida, pois sempre temos presente que a nossa principal tarefa, e razão de ser, é de vencermos a praia hostil embora o sacrifício de nossas vidas.

Portanto, ao entregarmos a mensagem de nossa Marinha, entregamo-vos também os nossos votos por um resultado feliz e que Deus vos guarde durante esta jornada gloriosa."

A seguir, sob os acordes do Cisne Branco, a tropa iniciava uma epopeia inédita nos anais da história militar brasileira.

A fase da execução encontrou inicialmente grande dificuldade na exiguidade do tempo. Essa imposição do planejamento previa uma etapa diária de 50m a mais alta que o organismo poderia suportar sem a indisponível margem de segurança. O aumento das etapas diárias, através da observação e por sugestão dos próprios componentes, cujo entusiasmo superava qualquer fator adverso, permitiu a sua elevação, na maioria das vezes, para mais de 50m, alcançando-se no 22º dia de marcha, a margem de segurança de 24 horas.

Alguns fatores pela sua complexidade não poderiam ser atenuados, acarretando sensível desgaste físico e consequente baixa no rendimento operacional. A começar pela provisão alimentícia de 30 dias, que não poderia ser abundante, esca-ssava em carnes, verduras e frutas tão necessárias à manutenção do vigor físico; a caminhada com o sol pela frente, a subida da Serra da Mantiqueira, os fortes aguaceiros, o calor das tardes e as noites frias na Mantiqueira e no Planalto.

A assistência médica mereceu especial cuidado, com o propósito de assegurar ao homem condições de saúde satisfatórias.

Os primeiros dias de marcha foram um teste rigoroso, mais à tenacidade e à vontade que ao próprio vigor físico. Houve apenas um caso grave no 3º dia de marcha: espasmo cerebral, motivado por hipertensão arterial. O enfermo foi removido para um hospital em Três Rios.

A recepção nos lugares e cidades incluídos no trajeto foi um precioso estímulo no sucesso da operação. Muitas vezes foram observadas com presentes, para a alimentação de toda a tropa. Os estacionamentos recebiam a visita constante dos prefeitos e prelados das cidades próximas que revelavam especial interesse pelos pormenores da marcha; as mensagens de

estímulo recebidas de várias procedências, a visita e o pernoite de alguns oficiais do CFN, a estada do Sr. Ministro junto à tropa antes da chegada, tudo isso, contribuiu para manter o moral elevado. Os 12 oficiais deram mostras de acentuada liderança e valor profissional e os marinheiros, sem qualquer experiência em marchas de longa duração comportaram-se de maneira elogiosa em todo o transcurso. Fato singular: não houve necessidade do emprego de medidas disciplinares para o cumprimento da rigorosa rotina de marcha, confirmado como o Grupamento se manteve disciplinado e cônscio de suas altas responsabilidades.

A chegada à nova capital foi procedida de grande vibração geral. A missão fora cumprida com dois dias de antecedência, motivando um natural orgulho. O Grupamento se instalou nas dependências do Destacamento da Marinha (área Alfa), onde foi distinguido com um churrasco oferecido pelo ministro da Marinha.

No dia 21 de abril de 1960, integrado com as demais representações militares, o Grupamento desfilava pelas avenidas de Brasília, fazendo entrega ao Presidente da República da seguinte mensagem ministerial:

"A Marinha do Brasil, no passado, soube concorrer de maneira decisiva, com trabalho e sacrifício, para a grande obra da unidade nacional."

Hoje, quando se efetua a tarefa cívica da integração nacional, ela envia a V.Excia. sua mensagem de fé e esperança nos destinos do povo brasileiro, que terá eternamente Brasília como um marco de progresso chantado, com energia e determinação, ao coração do Brasil."

A Marinha ocupava lugar de destaque nas importantes comemorações, num atestado do seu apoio às causas que assinalavam a trajetória de progresso de nossa terra.

Além dos resultados práticos obtidos com as medidas administrativas, médicas e disciplinares, observou-se o comportamento do armamento, do equipamento individual e eletrônico, em etapas árduas visando a melhoria do adestramento do combatente.

A "Operação Alvorada" não foi apenas considerada uma das maiores marchas autônomas; representou fundamentalmente uma nova dimensão das Forças Armadas, em consonância com as aspirações nacionais, ao lado do papel convencional pelo qual era encarada como mantenedora da segurança nacional. Daí, a seguir, pode-se admitir as Forças Armadas como instrumento atuante nas modificações estruturais, identificadas com a Revolução de 31 de março.

A repercussão dessa marcha atingiu, inclusive, os meios culturais europeus que publicaram noticiário nos jornais e revistas especializadas.

O Clube Naval festejou o 3º aniversário da marcha com uma interessante mostra fotográfica e assim se pronunciou a Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara, na 17ª sessão ordinária do dia 23 de abril de 1963, nas palavras finais de um dos seus membros:

"Esta Marinha, que segue, através do esforço de jovens oficiais e de jovens praças, dar essa prova indiscutível do valor do militar brasileiro num programa que reflete até a preocupação da integração nacional buscando heróicamente o sertão a pé até Brasília, dia a dia, percorrendo estes 1.221 quilômetros, — é a Marinha que merece o respeito e o aplauso desta Casa; é a Marinha em que confiamos e que admiramos; é a Marinha que dá provas como estas, através da ação desse grupo."

Não poderia deixar, portanto, de aqui trazer, no aniversário desta marcha heróica, as lembranças e as memórias deste feito, que honra não só a Marinha de Guerra, mas que honra o Estado, que honra o País."

Em sua obra "Por que construí Brasília," o ex-Presidente da República Juscelino Kubitschek faz referências elogiosas a esse feito magistral que ora se encontra emoldurado numa tela do pintor Arlindo Mesquita doada pelo Ministro da Marinha ao Memorial JK.